

A ARTE PODE SER UMA JANELA PARA A VIDA

ART AS A WINDOW FOR LIFE

Maria Emília Bottini*

RESUMO

O presente artigo explana uma experiência como profissional de saúde mental, a partir do estudo de caso acompanhado por cinco anos e o empenho em buscar compreender as dificuldades e os avanços de sua história, expressos no desenvolvimento de atividades lúdico-pedagógicas, em especial a pintura, que culminou em sua formatura. A expressão criativa do mundo autista a partir da arte, dos desenhos, do colorido, resultado do trabalho terapêutico em um mundo povoado pela imaginação de uma existência em que é possível crer e ser diferente, apesar das limitações, no mais profundo sentido desta palavra.

Palavras-chave: Autismo. Arte. Educação. Psicologia. Arteterapia.

ABSTRACT

The present article explores one experience of a mental health professional, starting from a case study of a patient diagnosed with autism, whose treatment lasted five years. The observations collected were made in pursuit of understanding how the difficulties and improvements of this patient were able to express her life history through ludic-pedagogical activities, specially painting. The creative expression of the autistic world starting from art, in colorful drawings, is exposed as a result of therapeutical work in a world filled with imagination of an existence where is possible to believe and to be different, despite of limitations, in this word deepest meaning.

Keywords: Autism. Art. Education. Psychology. Art therapy.

Introdução

Este artigo tem por objetivo apresentar a experiência vivenciada como profissional de saúde mental a partir do estudo, acompanhamento e atendimento terapêutico, num período de cinco anos, de uma paciente com autismo, baixa visão, deficiência mental e problemas cardíacos.

Para facilitar o entendimento, o artigo é composto de quatro partes. Primeiramente, apresenta-se a história de Deisi¹ no processo de tratamento psicoterapêutico, sua relação com a arte a qual culminou com sua formatura. Na

* Psicóloga, Terapeuta Comunitária, Professora Universitária, Mestre em Educação pela Universidade de Passo Fundo (UPF), Doutoranda do programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade de Brasília (UnB). Assina a coluna Cine Emoção do Conselho Regional de Psicologia 1º região – DF e a coluna Cá Entre Nós do Jornal Diário da Manhã de Erechim (RS). emilia.bottini@gmail.com.

¹ Os nomes pessoais usados neste texto são verdadeiros e autorizados pelos pais.

segunda parte, abordam-se as múltiplas deficiências. Na terceira, o método de trabalho e como a arte se tornou uma ferramenta para entender o potencial criativo de Deisi. E, finalmente, as considerações finais.

Flashes de uma vida...

No ano de 2004, ao sair da sala de atendimento, vi, pela primeira vez, Deisi. Ela vestia uma blusa cor-de-rosa e tiara da mesma cor. Adolescente, cheia de trejeitos, olhava para o alto e sacudia a cabeça, batia palmas com frequência, falava muito alto dizendo coisa com coisa, era agitada e não olhava nos olhos. Minha vida profissional iniciou-se tem algum tempo e aprendi com os muitos pacientes que atendi. Alguns deixaram marcas que levarei para toda a vida. Deisi ficou gravada a ferro e fogo em minha memória, em meus sentidos, em minha sensibilidade. Esta história permanece viva para muito além de minha profissão, pois foi, além de trabalho terapêutico intenso, uma relação afetiva.

Sua mãe informou-me que Deisi tinha quinze anos de idade e que frequentava a Associação de Apoio ao Excepcional (APAE), em outra cidade, desde os quatro anos de idade, porém não fora alfabetizada. Era portadora de insuficiência cardíaca e que, por conta disso, realizou cinco cirurgias na infância. Enxergava com dificuldade e usava óculos com grau bastante elevado. Além de ser portadora de deficiência mental, desenvolveu o autismo, consequência das sequelas da rubéola que a mãe contraiu com quatorze dias de gestação. Portanto, ela é portadora de deficiências múltiplas. A mãe mencionou que não via mais sentido no trabalho realizado pela APAE, uma vez que a filha fora colocada diante de um computador e nada mais era feito com ela. Em uma ocasião, Deisi havia mordido uma professora. Tomou então a decisão de retirá-la da instituição, solicitando ajuda e atendimento psicológico individual.

Diante do quadro, solicitei a realização de avaliação neurológica e uso de medicação para controlar a ansiedade. Ela estava sem avaliação médica havia quatro anos. O atendimento foi realizado por um neuropediatra que a acompanhou quando criança de quem gostava muito. O uso da medicação era necessário, pois, com os sintomas de ansiedade apresentados, não haveria condições de realizar qualquer tipo de trabalho terapêutico. Com o auxílio do ansiolítico, foi possível buscar na terapia algo que ela gostasse de realizar, que lhe desse prazer e, desta forma, canalizar para atividades que lhe dessem sentido e a deixassem feliz.

Na condição de psicóloga no serviço público é por vezes complicado pensar em alternativas, pois há limitações de toda ordem. O médico insistiu que eu deveria

canalizar a capacidade criativa da paciente, pois naquele momento em seu consultório, Deisi o desenhava de jaleco, e afirmou que o desenho poderia ser uma alternativa razoável. Resisti dizendo que as dificuldades eram muitas, que não havia professores ou qualquer pessoa que soubesse e pudesse ensinar desenho a ela. Pensei melhor e lhe disse: “eu pinto telas há cinco anos, não sei se vou saber ensinar, mas posso tentar”. É um bom começo disse ele, desejando-me boa sorte na tarefa.

Deisi passou a frequentar a Assistência Social semanalmente e iniciamos as atividades terapêuticas. Entretanto, foi um parto dolorido e difícil convencer o Secretário da Saúde que havia necessidade de realizar a compra de pincéis, solvente, cavalete, tinta a óleo e telas para as atividades e, dessa forma, dar algum sentido ao mundo irreal/real dessa paciente. Foi uma dura empreitada em prol de uma criatura que não conta no mundo, afinal, não vota, não produz, pouco consome, não tem sentido ou valor para os supostamente “normais” administradores públicos. Eles já não cuidam adequadamente dos tidos como normais, que dirá daqueles que possuem trejeitos, esquisitices ou fala repetida. Trabalhei durante muito tempo sem os materiais necessários para realizar pintura em tela, enquanto a secretaria da saúde estudava longamente o pedido da compra do material e questionava sobre a veracidade de o processo terapêutico surtir efeito positivo sobre uma paciente com a vida tão complicada e difícil.

Deisi nunca faltava aos atendimentos. Era como um remédio bom, que tomava semanalmente e a tornava feliz e alegre. Estava sempre muito bem asseada e com uma bolsa e tiara cor-de-rosa. Demonstrando gostar do que estava fazendo; nunca observamos qualquer reação que indicasse o contrário. E enquanto as telas não vinham, realizamos atividades de contação de histórias. Sempre muito criativas e mirabolantes. No início eu as escrevia, depois passei a gravá-las, o que a agradava muito. Após contá-las, sempre desejava ouvir, sentada no sofá da sala de atendimento, segurava o gravador e ouvia atentamente, às vezes repetia as palavras da história, outras não, mas sempre balançava a cabeça e rangia os dentes. Realizávamos atividades lúdico-pedagógicas a partir do que era relatado.

Até que, enfim, chegou parte dos materiais solicitados para a pintura em tela, já que o cavalete nunca foi comprado, também não mais o pedi. Pintávamos na sala de atendimento das crianças e Deisi, com razão, reclamava, uma vez que era adolescente e nem sempre ficava bem acomodada com suas longas pernas. Realizávamos as atividades com tinta guache, cola colorida, massa de modelar, massa acrílica, fios de linha coloridos, canudinhos, lápis de cor, giz de cera e outros. Ela era uma desenhista

habilidosa e, mesmo diante de tantas dificuldades, o que lhe dava prazer era descrever o que desenhava. Sempre foi muito receptiva a todas as atividades propostas. Certa vez utilizei-me de música clássica como fundo musical, o que não a agradou. Trouxe seu gosto musical para as sessões, música sertaneja, o que ouvia no rádio em sua casa. Passava muitas horas vendo televisão e repetia muitos dos comerciais, filmes e desenhos animados a que assistia. Adorava o programa da Xuxa Meneguel.

Sua primeira tela foi a “Roçadeira do tempo” (figura 1). De certa forma, o tempo e a vida dela estavam sendo cortados, podados e triturados há muito. Depois pintou a tela da “Fluorescente” (figura 1). Era fascinada pela luz fluorescente da sala de espera, cuja imaginação acreditava que fora invadida por canudinhos coloridos e, por isso, apresentava defeito, pois não acendia as duas lâmpadas e uma delas ficava piscando. A seu modo, a arte, as cores, as tintas, os pincéis entram em seu mundo inatingível e diferente, passam a representar seu mundo interno e criativo nas telas. Observa-se que suas telas sempre estavam ligadas a temas do cotidiano. Podemos aludir que seu mundo comporta, às vezes, aquilo que imagina ser a realidade, considerando a sua visão do seu pequeno mundo enclausurada em si mesma, consequência das múltiplas distorções de suas limitações.



Figura 1 – Roçadeira do tempo e Fluorescente

Deisi desenhava e pintava muito, fazia as atividades rapidamente; primeiramente em folha de papel e depois passava para a tela. Às vezes, demonstrava certa ansiedade para que a tinta secasse rapidamente, mas a espera era necessária e educativa, uma vez que o limite e a espera foram sendo internalizados pouco a pouco. Na figura 2 está representada a “Furadeira”. Nesta fase, Deisi contava histórias em que estava trabalhando, tinha uma profissão e essa envolvia consertar e desmontar objetos. Sempre trazia histórias de pescaria e nomeava todos os acessórios utilizados para esta tarefa. O pai pescava em um grande rio próximo de sua casa e eventualmente a levava com ele, o que lhe agradava muito, embora atrapalhasse a pescaria, pois não conseguia ficar muito tempo sem falar ou mesmo sem produzir sons, espantando os peixes.



Figura 2 - Furadeira

As telas vão recebendo tintas e formas. O “Ventilador maluco” (figura 3) retrata o aparelho do teto da sala de espera para atendimento, o qual, ao ser ligado, mais produzia barulho que vento. Foi a primeira vez que Deisi desenhou uma pessoa em suas telas, do mesmo modo que colocou uma mesa e flores. Observamos que aos poucos seu mundo interno povoa-se de imagens de pessoas, se dá conta de que existem outros e que pode se relacionar a seu modo com eles; seus olhos já não desviam tanto de outros olhares. Consegue realizar algumas tarefas com colegas e passa, com isso, a participar do grupo de pessoas portadoras de necessidades especiais, entre elas: um síndrome de *down*, um paralisia cerebral, três com deficiência mental, um deficiência visual. Deisi tinha muitos atritos com Pedro², adolescente e deficiente visual. Tive de intervir, explicando como era Deisi, quais as dificuldades e deficiências que ela possuía e que seria mais fácil que ele se adaptasse a ela que o contrário. Os dias seguiram entre atritos por algum tempo, depois se acomodaram tornando respeitosa a relação e a ajuda mútua entre eles.

Sua família morava no meio rural. O pai era agricultor; o irmão mais velho, após concluir o ensino médio, mudou-se para São Paulo e trabalhava para uma grande rede de supermercados; o irmão mais novo era estudante do ensino fundamental; a mãe, costureira e trabalhava numa agroindústria de açúcar mascavo na própria comunidade onde residiam. Certo dia acompanhou a mãe ao trabalho e, ao tentar imprimir um material no computador, a impressora deu problema, trancou o papel e sua nova tela aborda esse episódio, a “Impressora consertada” (figura 3). Ela se coloca diante do problema, o que demonstra iniciativa, mesmo que no nível da fantasia, como a pessoa que conseguiu consertar o estrago, fazendo com que a impressora voltasse a funcionar. Esse tema recorrente é o desejo de ser uma profissional, ter uma ocupação. Talvez um desejo interno de que seu “defeito” também possa ser consertado por mim, e a permita “funcionar” melhor. Nesta tela aparecem flores nas paredes e uma janela aberta que

² Nome fictício.

possibilita ver uma paisagem e um sol a brilhar ao longe, numa tentativa de mostrar saídas para seu mundo interno, um mundo onde exercia atividade profissional, onde tinha uma identidade social, podia ser uma trabalhadora.



Figura 3 – Ventilador maluco e Impressora consertada

Deisi era apaixonada por fardas, por militares, porque representavam a repressão ao crime. Por isso, fez a tela “O guarda do banco” (figura 4). Em suas histórias, vários são os momentos em que realiza parceria com este guarda para proteger a cidade e combater o crime e os bandidos em naves espaciais de poderes especiais e armas muito poderosas e eficientes. Geralmente eu estava incluída em suas naves e a ajudava a pilotar a própria nave da vida. Produzia muitos desenhos nos quais mostrava morar numa fortaleza cheia de portas, portões, cadeados, muito protegida, e nesse espaço eu também era incluída como quem poderia estar dentro, ninguém mais. Fui uma das poucas pessoas que penetrou em sua fortaleza íntima e particular, seu mundo privado, seu eu interior.

Havia também um desejo expresso de limites, de ordem, pois os pais tinham dificuldades de impô-los devido aos problemas enfrentados por ela, como por exemplo, o desejo de comer apenas batata frita nos almoços diários ou mesmo vestir apenas rosa, sua cor favorita. Em alguns momentos, Deisi tinha birras de não querer, de não fazer, mas logo se desvencilhava delas e realizávamos as atividades propostas.



Figura 4 – O guarda do banco e Impressora consertada

Suas telas tornaram-se muitas e, em parceria com o gerente do banco local, realizamos uma exposição, em 2007, chamada “Deisi em arte”, na qual foram expostos seus desenhos e telas para a comunidade local conhecer seu potencial criativo. Foi um grande sucesso coroado por almas sensíveis. Neste dia, ela fez um discurso eufórica e emocionada na presença de autoridades municipais, colegas de grupo, policiais, amigos e o guarda do banco sobre os planos do combate ao crime para a cidade e tirou várias fotos.

Em maio de 2008, no dia das mães, desenvolvia normalmente suas atividades junto ao grupo de pessoas portadoras de necessidades especiais que frequentava semanalmente, quando fez um desenho numa toalha de louça que seria o presente para a mãe. Nele Deisi aparece com uma toga de formatura entregando um canudo para sua mãe, conforme figura 5, “Deisi e a mãe”. Simbolicamente, o canudo é da mãe, talvez o desejo de agrado pela iniciativa da mãe de lhe permitir outro existir procurando ajuda terapêutica. A partir deste dia e deste desenho, todos os que se seguiram trouxeram o tema da formatura, formandos, canudos, convidados, música de entrada, lembranças, juramento, paraninfo, cerimonial de uma formatura. A formatura traduz-se num ritual, num marco e num desejo de ser como outros; ela ocorre para finalizar um evento, um curso, um percurso, uma faculdade; é o fechamento de uma conquista que desejamos comemorar. Deisi se torna formanda do curso de pintura em tela. Está pronta para apenas ser, estar, sentir e existir. É como se nos dissesse: “estou pronta”.

Desse momento em diante, comecei a pensar que poderíamos formá-la em pintura no final do ano de 2008, como algo que poderia ser organizado e concretizado. Claro que não sem insistência e persistência. Deisi sonhou um sonho de formatura e nós sonhamos com ela. Como diria John Lennon, “sonho que se sonha só, é só um sonho que se sonha só, sonho que se sonha junto é realidade”.



Figura 5 – Deisi e a mãe

Na semana seguinte ao dia das mães, em seu atendimento terapêutico, desenhou e pintou uma tela em que está vestida de toga e faixa cor-de-rosa “A formanda” (figura 6) com a mão esquerda erguida em sinal de vitória, de conquista. Ao lado, numa mesa, havia quinze canudos, hipoteticamente sua turma de formandos em pintura. A tela demonstra o desejo de ser vitoriosa, de alcançar objetivos, de chegar lá e, porque não, ter uma profissão, ocupar-se.



Figura 6 – A formanda

Não tardou para criar na tela o quadro de formatura com os quinze colegas imaginados por ela: “Os formandos” (figura 7). Era sua turma imaginária e a mim me perguntava constantemente que nomes teriam esses colegas, sempre tinha que lembrar os mesmos nomes. Esse quadro revela que não se realiza conquistas sozinho. A formatura é sempre um ato com os outros, que não são reais para Deisi, mas contém uma dimensão de que há outros que estão introjetados, ainda que de forma irreal e fantasiosa.



Figura 7 – Os formandos

Nos encontros semanais, relatava como seria sua formatura, quem participaria, quem convidaria de sua família, como seriam os convites, qual a música de entrada, enfim, o ritual de formatura completo. O neuropediatra que a atendeu constava em seus desenhos como responsável por uma nova percepção de suas dificuldades e de seu mundo. Médico de sensível percepção que oportunizou uma ponte entre ela e a arte, permitindo acessar seu mundo interno pelos desenhos e pela pintura, já prontos em si mesmos, mas precisavam ser tocados, desabrochar, vir à tona, mostrar-se, se fazer conhecer e amorosamente acolher e respeitar. A apresentadora Xuxa Meneguel figura

entre os convidados de honra, como se pode observar abaixo “Convidados” (figura 8), uma influência dos desenhos animados e do programa infantil que a artista apresentava na televisão brasileira, impactou e influenciou sua percepção do mundo real em seu agir e interagir no e com o mundo.



Figura 8 – Convidados

Realizei visita domiciliar à família de Deisi, juntamente com uma colega extensionista da Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural e Associação Rio-grandense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater-Ascar), que auxiliava voluntariamente as atividades do grupo de pessoas portadoras de necessidades especiais. Ao chegar, causou-nos estranheza o fato de Deisi não querer sair do quarto. Pelo chão havia sangue, pois a mãe não teve tempo de limpá-lo. Questionada sobre a origem, a mãe declarou que a filha estava menstruada. Diante do contexto, pensei ser um disparate ter que menstruar um corpo e uma mente com significativas dificuldades.

Empenhei-me arduamente a convencer a família da não necessidade de ela menstruar, pois era uma sangria inútil (COUTINHO, 1996). A mãe foi mais receptiva que o pai. Compreendi que seus medos eram justificados, ao tomar consciência da sexualidade da filha, muitas vezes negada por pais de pessoas com necessidades especiais.

Recorri ao neuropediatra novamente, para salvaguardar a opinião de psicóloga e ter mais impactos sobre a família. Apoiou-me na iniciativa e orientou a administração de anticoncepcional de forma contínua, sem efeitos ou prejuízo sobre sua saúde física, melhorando sua qualidade de vida e a dos familiares, visto que o irmão menor não necessitava conviver com tal situação. O tempo passou, a insistência também, e o pai, ainda relutante, alegava que ela iria ficar mais louca do que já era.

Deixei o tempo passar, Deisi permanecia com a formatura na cabeça e no coração. Então começamos a planejar e construir como seria a formatura. Assídua espectadora de televisão, e o irmão formando-se no Ensino Médio, tinha a noção do

ritual da cerimônia e falava feliz desse novo momento de sua vida, de sua história. Em uma manhã de atendimento, chegou à Assistência Social com vários desenhos feitos em papel, tipo cartões “Lembranças da formatura” (figura 9) e queria me mostrar, dizendo que eram as lembranças da sua formatura para os convidados. Achei maravilhoso, ela estava vivendo, sonhando com este momento em sua vida.



Figura 9 – Lembranças da formatura

Em um de seus atendimentos, a mãe me procurou, nesta ocasião contou-me que Deisi já estava tomando anticoncepcional fazia dois meses e estava muito feliz, pois tudo estava melhorando. Quis saber como havia convencido o marido, ela me olhou nos olhos, sorriu e disse: “Eu disse a ele que se não concordasse com a medicação, ele iria todos os meses ser responsável por limpá-la e ajudá-la”. Eu a olhei nos olhos, sorri por dentro e por fora, pensei na força das mães. As mulheres têm jeitos de conseguir as coisas de que até Deus duvida.

Deisi foi se transformando numa adolescente mais calma. Era fácil trabalhar com seu mundo tão irreal e ao mesmo tempo de dificuldades tão reais. Lembro emocionada de suas transformações com e pela arte.

Eu acreditava na formatura de Deisi, mas nem todos partilhavam desta ideia. Fui nomeada de louca e outros nomes que não convém lembrar, mas formar uma autista não deve ser coisa comum neste mundo onde só conta quem é normal, quem anda, quem fala direito. As brigas foram homéricas com a chefia imediata, pois esta entendia que eu deveria formar as outras pessoas portadoras de necessidades especiais também, sendo que estes nunca foram meus pacientes ou tiveram contato com pintura. Fui determinantemente contra, uma vez que esse momento era único e exclusivo de e para

Deisi. Cabe enfatizar que trabalhar em saúde mental é trabalhar com as contradições de gestores que apenas discursam sobre as diferenças, porque, na hora de fazer, de realizar efetivamente algo, pouco ou nada aparece como ação concreta porque isso dá trabalho e poderá dar certo.

Continuei convicta da possibilidade e junto com os colegas: a Assistente Social, uma auxiliar administrativa e o jardineiro - pessoas de almas sensíveis -, realizamos a formatura. Deisi se formou no dia dois de dezembro de 2008 em pintura em tela com muitas pompas e circunstâncias, com direito à gravação de DVD e muitas, muitas fotos deste momento lindo e verdadeiramente humano.

Este é um dia que minha memória sempre terá guardado no arquivo das coisas especiais, das coisas bonitas de recordar e de se emocionar. Emoção não faltou neste dia tão grandioso. Ao fechar meus olhos, lembro de ver Deisi chegar de toga preta, faixa e sapato cor-de-rosa. Meu coração disparou, parecia que iria saltar pela boca e de alguma forma saltou. Ela havia arrumado o cabelo, a unha, estava radiante e eu também, por todo seu crescimento e sua formatura, um ato de fantasia de todos que estavam presentes, mas de imensa realidade para Deisi. A fantasia que se transformou em realidade, ela pintou os quadros e repintou a si mesma; suas pinturas a levaram a um novo momento do existir, tudo o que viveu foi muito além do que um mero curso de pintura que na verdade nunca existiu de fato e de direito.

Comuniquei e solicitei que meus colegas se vestissem para uma formatura, e deveriam se sentir participando no sentido real da palavra. Convidamos a comunidade em geral, os colegas de trabalho, amigos da Deisi e familiares; recordo que sua *nona* (avó) estava hospitalizada e que saiu naquela manhã para estar com ela. Seu *nono* (avô) falou-me que eu era tão persistente quanto sua neta, que não desistia facilmente. Nós sabíamos que insistência e persistência foram fundamentais para a culminância daquele momento.

A assistente social foi a cerimonial da formatura. Deisi entrou acompanhada por seus colegas do grupo de portadores de necessidades especiais ao som da música: “Chuva Cai”, da banda Brilha Som, sua música favorita. Estava imóvel, não tinha trejeitos, impactada, se formando. Foi entoado o Hino Nacional, providenciado às pressas, uma vez que havíamos esquecido do mesmo e ela o lembrou. O reitor, não posso deixar de lembrar com que gostosura recebeu o convite, era nosso jardineiro, pessoa de beleza e sensibilidade à flor da pele, fez a colação de grau entregando um canudo cor-de-rosa à formanda. Em seguida houve o discurso da paraninfa, professora que trabalhava com o grupo de portadores de necessidades especiais, um bom exemplar

de comprometimento e amor à profissão que conheci; pessoa que fez e faz a diferença, que entendeu muito de meus delírios com relação ao grupo e sobretudo com relação à Deisi. Enfim, todo o ritual foi assegurado e respeitado incluindo o juramento da formanda.

Eu fui responsável pela homenagem aos pais que transcrevo a seguir:

Sinto-me muito feliz e emocionada por construir este momento e por compartilhá-lo com vocês.

Em psicologia se estuda um termo chamado Empatia que é colocar-se no lugar do outro, esse parece ser um exercício simples, mas não é.

Fechem seus olhos, apenas fechem os olhos e tentem imaginar estar no lugar do Irno e da Maria, duas pessoas desta comunidade.

Imaginem a Maria dando à luz Deisi, imaginem a primeira mamada, o primeiro tipetope cor-de-rosa, a primeira troca de fraldas....

Apenas imaginem. Imaginem eles recebendo os diagnósticos de médicos grosseiros e estúpidos, as idas e vindas ao médico para saber que defeito a Deisi tinha, quando seria a próxima cirurgia do coração.

Imaginem a dor, a frustração de ter um filho com deficiência.

Imaginem a luta para aceitar que isto seria para todo o sempre.

Imaginem as tentativas de levar à aula e não ser aceita?

Imaginem a Maria saindo de sua casa com a Deisi para levar à APAE - lugar das pessoas com defeito, e imaginem o Irno ficando em casa com os filhos....

Imaginem as pessoas apontando para seu filho na igreja, na rua...

Imaginem as pessoas perguntando para você o que ela tem que ela não para de se mexer?

Imaginem ela menstruada? Como explicar que isto ocorre com as mulheres?

Imaginem ela querendo apenas comer batatinha frita nos almoços diários?

Imaginem ela repetindo palavras desconexas e conexas o dia todo. Imaginem não serem abraçados, beijados ou olhados por ela.

Apenas imaginem.... imaginem... (abram seus olhos).

Podemos imaginar isto tudo? (neste momento ouço seu irmão menor responder ao fundo: sim).

Podemos imaginar, mas raramente nos colocamos no lugar do outro que sofre, que não tem as mesmas condições, que é deficiente, que é pai de deficiente, que é irmão de deficiente...

Apenas escutem, olhem, sintam a Deisi e imaginem-se sendo ela num mundo onde há pouco lugar para quem é diferente, para quem pensa diferente, para quem fala diferente, para quem não enxerga, para quem não anda, para quem carrega em si a marca de ser único e diferente.

Muitas coisas não conseguimos imaginar, mas deveríamos.

Irno e Maria, fiquem de pé. Vocês são o que a Deisi tem de melhor. Obrigada por cuidarem dela dispensando os cuidados e amor que ela merece.

Vocês me fazem crer que o mundo pode ser um lugar melhor para todos.

Vocês são exemplo de amor, de doação, de luta, de garra, de humanidade.

Agradeço a vocês por lutarem para que Deisi participe da comunidade. Amar um filho normal é relativamente fácil, mas amar um filho deficiente exige amor de superação.

Eu parablenizo e admiro que existam pais como vocês nesta comunidade.

Se os pais conseguem acolher e amar, nós também podemos acolher, respeitar e amar Deisi porque esta é a verdadeira solidariedade e esta é uma comunidade que soube ajudar, acolher e compreender as diferenças da Deisi.

Se conseguimos ser uma comunidade solidária, podemos crer que este mundo pode ser um lugar muito melhor para se viver e assim podemos crer que o mundo possa ser transformado.

E lembrem-se: ninguém está livre de nenhuma das deficiências. Hoje são Irno e Maria que precisam de nosso colo afetivo, amanhã poderemos ser nós.

Irno e Maria, certa vez escutei uma frase: Por que é que existem pessoas com deficiência? E foi respondido: Essas pessoas existem para que o amor não desapareça

Após minha leitura, solicitei que a formanda Deisi entregasse aos seus pais dois botões de rosas com acompanhamento musical de Monte Castelo, da Legião Urbana “[...] ainda que eu falasse a língua dos homens e dos anjos, sem amor eu nada seria [...]”. Ao levantar meus olhos do papel, presenciei muitos olhos umedecidos na plateia e, em outros rostos, as lágrimas eram abundantes pela emoção que o momento gerou; seus pais estavam banhados em lágrimas, mas felizes.

Para coroar esse momento ímpar, cantamos Parabéns, tocado por Pedro, deficiente visual, com acompanhamento de seu irmão ao violão, o que alegrou a todos. As “Lembranças de formatura” (figura 9) feitas por Deisi foram disponibilizados em um cesto, na saída da formatura, juntamente com a exposição de alguns de seus quadros, produto de cinco anos de trabalho terapêutico para ficar na lembrança da comunidade. Na sequência houve um almoço para amigos do grupo, familiares e convidados. Deisi ganhou muitos presentes e estava radiante e feliz.

Realizei um curso sobre deficiência e inclusão e tive a oportunidade de conhecer as atividades realizadas por uma escola de autistas em um município próximo. Agendamos uma visita e convidamos Deisi e sua mãe para conhecer o espaço e a proposta pedagógica voltados para essa problemática. Pretendia-se, com isso, abrir a

possibilidade de futuramente ela também frequentar, estar entre os iguais. Passamos uma tarde na instituição. Deisi levou o DVD de sua formatura e mostrou a todos que encontrava pelo caminho da visita e sentia-se feliz. No caminho de volta, a mãe não achou boa ideia, porque era longe e tinha muitos alunos adultos na escola. De fato tais dificuldades eram reais, porém, como psicóloga, entendo que a proteção que as mães têm para com os filhos especiais também os impede de bater asas e voar, às vezes nem para tão longe, às vezes é só até a esquina de casa, e muitas vezes os mantêm aprisionados numa gaiola imaginária. Deisi, no entanto, jamais poderá voar por vontade própria, pois sua “roçadeira do tempo” continua a funcionar e a podar-lhe a oportunidade de crescer, de se desenvolver dentro de seus limites que já são tantos.

Entendi e aceitei que a escola era longe, mas não me dei por vencida. Então, me informei em uma escola de Belas Artes, em uma cidade próxima de onde ela morava, se ela poderia frequentar para se aperfeiçoar nas atividades de desenho, visto que estava formada em pintura e não poderíamos continuar com esta atividade no ano seguinte. Fizemos uma visita e a mãe considerou boa a estrutura, os professores, a proposta pedagógica, mas o fato de morar na zona rural dificultava o acesso, pois precisava de decisão política e ajuda do transporte público de sua casa para chegar até a escola e, lembrando que ela não vota, foi mais uma vez roçado seu tempo de crescer e de se desenvolver.

Assim, acabo de relatar essa experiência vivida na relação terapeuta e paciente. Esta é uma das tantas marcas que minha vida profissional produziu em meu coração, em minha sensibilidade. Sou grata por ter construído este momento com Deisi. Fiz o que tinha de ser feito. Ser psicóloga de alguém com tantas limitações foi trabalhoso, mas investir neste pouco e fazer disto o todo foi maravilhoso, gratificante. Dediquei-me por exatos cinco anos e briguei pelo mesmo tempo com o poder público insensível com as causas humanas; não me arrependo, faria tudo novamente e com a mesma intensidade e determinação.

A vida em sociedade nos mostra que brigas são necessárias e devem ser travadas em prol dos que não podem brigar por si mesmos. Sinto falta dos momentos passados com Deisi, me ensinaram tanto... Aprendi, sobretudo, que a vida com arte dá sentido para uma existência autista; as cores, as formas, os contornos vão moldando e moldurando outra trajetória onde vislumbramos o humano dentro de um corpo aprisionado em suas dificuldades, mas que ainda é verdadeiramente humano com múltiplas possibilidades.

A seguir passarei à explanação das dificuldades enfrentadas por Deisi e a

compreensão das múltiplas deficiências à luz de alguns conceitos.

Diagnósticos definem doenças e não pessoas

Deisi é portadora de deficiência mental, possui baixa visão, problemas cardíacos e é autista, ainda assim é um ser humano e merece tratamento tanto médico quanto psicológico, os quais possam lhe permitir ser e estar no mundo. Veremos a seguir os diagnósticos que não a definem, mas a explicam e nos permitem, a partir deles, conhecê-la e entendê-la um pouco melhor, e quem sabe tocar em seu mundo tão protegido no qual pouco se pode penetrar, mas é permitido dar a conhecer, estar junto, acompanhar num exercício de escuta e apoiar e entender as diversas fraturas em sua alma. Assunção Jr. (2000, p. 170) sublinha que:

[...] o conceito de deficiência mental é bastante variado sofrendo influências do meio no qual foi estruturado e sendo, portanto, uma entidade clínica complexa e difícil de ser definida com precisão. [...] o indivíduo afetado é incapaz de competir, em termos de igualdade, com os companheiros normais, dentro de um grupo social.

Anderson (1981) caracterizou o processo da deficiência mental principalmente a partir das consequências que o problema apresenta em relação à pessoa, à família e à sociedade. Essas consequências são decorrentes de uma deficiência biológica geradora de incapacidade funcional pela qual o indivíduo não tem o desempenho esperado para sua idade, gênero e grupo social, apresentando defasagem e condutas de exclusão social. Conceitua três consequências da deficiência mental que são: a) pessoais: ocorre uma diminuição da autonomia, da mobilidade, de atividades de lazer, de integração social, de independência e conduta; b) familiares: necessidades de cuidados, perturbação das relações sociais, carga econômica; e c) sociais: demanda de cuidados, perda da produtividade, má integração social.

As dificuldades de cognição impediram Deisi de aprender o código do alfabeto, apenas sabe escrever seu nome no qual duas letras estão espelhadas, registros de uma escrita bastante comum em crianças que estão iniciando sua alfabetização. Se aprendeu as letras de seu nome, o que impediu que aprenda outras palavras? O Ministério da Educação e Cultura (MEC, 2004) enfatiza que eventualmente uma criança autista pode aprender a ler sozinha antes dos quatro anos de idade sem que ninguém tenha percebido como isso ocorreu. Observa-se que neste aspecto pouco foi feito para que ela saísse da condição de analfabeta, embora tenha frequentando por bastante tempo a APAE, instituição que oferece uma infraestrutura adequada de profissionais para este fim. Deisi apresenta ausência de

resposta aos métodos normais de ensino, o que requer uma forma diferenciada e individualizada de estímulos para a aprendizagem, tarefa evidentemente trabalhosa de construir e executar. Considerando que são múltiplas as inteligências que induzem as diferentes formas de aprender (GARDNER, 1995).

Autistas se alfabetizam e muitos vão além, como podemos observar no filme *Grandin Temple: brilho eterno de uma mente autista* (2010), dirigido por Mick Jackson, baseado em fatos reais. O filme retrata a vida de Grandin Temple, marcada pelo autismo desde o nascimento; graças a sua mãe determinada a torná-la autossuficiente; a um professor obstinado e respeitador de sua forma de aprender através do conhecimento por imagens; uma mulher que teve diversas perdas sem compreendê-las direito; e pelas inúmeras formas de preconceito, xingamentos, humilhações durante sua passagem pela escola.

Temple teve uma colega cega com quem dividiu o quarto na faculdade. A esta lhe foi negado ver com os olhos, via apenas em sua essência, “via com humanidade”, enxergava para além da dificuldade de uma existência autista e a compreendia, como refere Saint-Exupéry (2006, p. 22): “o essencial é invisível para os olhos”. Ela concluiu o Ensino Médio, a faculdade, o mestrado, o doutorado e o pós-doutorado. Possui mais de oitenta artigos publicados, faz palestras sobre autismo, escreve livros, enfim, marcou sua trajetória através do conhecimento científico, acrescentou sua vida de sentidos e a nossa, tornou-se uma autoridade no campo da zootecnia desenvolvendo estudos e teorias sobre o comportamento bovino, quando sob efeito de estresse.

As questões do autismo são complexas e já existe um sistema de informações³ organizado por um laboratório de medicamentos que auxilia a identificar os sintomas do autismo, servindo como apoio a familiares e profissionais de saúde e educação. Nele, encontra-se a definição de autismo como uma alteração cerebral, uma desordem que compromete o desenvolvimento psiconeurológico e afeta a capacidade de a pessoa se comunicar, compreender, falar e conviver socialmente. O autismo infantil é um transtorno do desenvolvimento que se manifesta antes dos três anos de idade, e é mais comum em meninos que em meninas e não necessariamente acompanhado de retardo mental, pois existem casos de crianças que apresentam inteligência e fala normal.

Para o MEC (2004), o ponto de partida é a chamada tríade de dificuldades: comunicação, interação social e uso da imaginação. Como consequência, o autista terá mais facilidade com o universo concreto do que com ideias abstratas. O Ministério define algumas características do autismo, dentre as quais Deisi apresenta as seguintes: a)

³ Mais detalhes em: <http://www.autismoinfantil.com.br> .

linguagem verbal pobre; b) ecolalia (imediate repetição de palavras que outras pessoas acabaram de falar) e ecolalia tardia (repetição do que outras pessoas falaram há algum tempo, repetição de comerciais de televisão, de falas de filmes ou novelas); c) hiperatividade motora - constante agitação e movimento; d) contato visual deficiente, raramente olha nos olhos dos pais, professores ou de outras pessoas; e) problema de atenção e concentração; f) ausência de interação social, não se relaciona com outras pessoas, parece ignorar os outros.

Outros sintomas são listados pelo site de autismo acima referido, dos quais Deisi apresenta os seguintes: a) riso inapropriado; b) não querer ser tocado; c) resistência à mudança de rotina; d) agir como se estivesse surda.

Estas características nos dão a dimensão de quão difícil poderá ser estabelecer um relacionamento mais próximo com Deisi. Convivi um período significativo com ela e não tive dificuldades de trabalhar com a mesma, salvo alguns momentos de birra que são comuns em pacientes autistas, facilmente contornáveis. Ela sempre participou ativamente de seu processo terapêutico, era pontual, com raras faltas, e sobretudo, divertia-se, pois canalizamos sua energia para algo que lhe dava prazer em realizar.

Às vezes nosso preconceito fala bem mais alto e pensamos e atuamos mais em diagnósticos do que nas potencialidades e possibilidades. O profissional da área psicológica necessita sair do seu pedestal do saber e ir ao encontro do outro, se permitir conhecer, criar a partir de suas demandas e necessidades. A pergunta que se deve fazer é se as distintas Psicologia possuem as metodologias para responder às demandas de pacientes tão complexos.

Deisi tem baixa visão ou visão subnormal, o que significa uma redução da sua capacidade visual que interfere e limita seu desempenho, mesmo após correção de erros de refração comuns. A baixa visão pode ocorrer por traumatismos, doenças ou imperfeições no órgão ou no sistema da visão, causando uma diversidade de problemas, ou seja, baixa acuidade visual, gerando dificuldade para enxergar de perto ou de longe, campo visual reduzido e problemas de visão de contraste entre outros (CARVALHO et al., 1992; CARVALHO, 1995). Deisi necessitava aproximar muito seus olhos de qualquer objeto que tocava ou até mesmo para ver melhor. Quando desenhava, curvava-se até a folha. Seus óculos provocavam machucados em seu nariz, pois os aros eram bastante grossos para sustentar as lentes pesadas. Deisi é, portanto, portadora de uma série de deficiências que, conforme o Ministério (2004, p. 11), pode ser denominado:

[...] deficiência múltipla utilizado com frequência, para caracterizar o conjunto de duas ou mais deficiências associadas, de ordem física, sensorial, mental, emocional ou comportamento social. No entanto, não

é o somatório dessas alterações que caracterizam a múltipla deficiência, mas sim o nível de desenvolvimento, as possibilidades funcionais de comunicação, de interação social e de aprendizagem que determinam as necessidades educacionais dessas pessoas.

Trabalhei terapeuticamente com as potencialidades de Deisi para além dos diagnósticos, representadas por seus pontos fortes e de maiores interesses e não de suas limitações e deficiências. Adentrei em seu mundo interno através da arte, que a acompanha desde sempre, pois é seu modo de estar, sentir e entender o mundo que a cerca, por vezes de difícil compreensão para uma vida pautada nas diferenças. A arte tornou-se um instrumento terapêutico significativo e importante, visto que, a partir dele, cheguei até Deisi de múltiplas deficiências, mas simplesmente Deisi das cores, da imaginação que faz criar e recriar o mundo numa formatura, rito de passagem para uma nova fase de sua existência.

Os rituais, segundo Rodolpho (2004), nos remetem a duas ideias: 1) a noção de que um ritual é algo formal e arcaico, quase sem conteúdo, algo feito para celebrar momentos especiais e nada mais; e 2) ligados apenas à esfera religiosa, a um culto ou a uma missa.

Pela familiaridade através de sequências, repetições, sabemos o que vai acontecer, celebramos nossa solidariedade, partilhamos sentimentos, enfim, temos uma sensação de coesão social. O ritual secular demonstra as relações sociais, sejam elas civis, militares, éticas ou festivas.

Podemos aludir que Deisi externaliza, de alguma forma, o desejo de ser incluída, de ser aceita na comunidade em que vive, mas não podemos precisar em que medida isso ocorre pois a literatura sobre autistas considera que estes não verbalizam as emoções, sequer desejos. A comunidade, de alguma forma, expressa aceitação desse tipo de ritual que é a formatura como possibilidade de inclusão, aceitação e passagem que atribui novas identidades e novos papéis a serem desempenhados junto ao grupo com o qual convivemos (RIVIÈRE, 1997). Tratando-se de uma comunidade essencialmente rural e conservadora, em que o deficiente é visto ainda como castigo, a formatura organizada significa muito, pode ser vista como um marco para as pessoas que partilharam desse momento.

A seguir descreverei o método de trabalho e como a arte se tornou uma ferramenta para entender o potencial criativo de Deisi.

Arte e terapia: um jeito de entender o mundo

Davidoff (2001) relata que Sigmund Freud elaborou uma teoria que chamou de psicanálise. Ele tratava seus pacientes neuróticos, buscava *insights* sobre si mesmo e sobre sua personalidade, baseava-se na auto-observação e teorias biológicas de sua época. Descreveu e explicou a personalidade normal e anormal, e propôs forma de tratá-las. Acreditava que as pessoas são conscientes de apenas uma parte pequena de sua vida mental e que alguns conteúdos seriam pré-conscientes, encontrados logo abaixo da consciência e de onde são facilmente recuperados. Porém, a vasta maioria seria da ordem do inconsciente: as pulsões, os comportamentos de personalidade, as memórias de experiências iniciais e os conflitos psicológicos intensos. Embora não tenhamos consciência direta dos conteúdos do inconsciente, eles entram na consciência através dos sonhos, lapsos de língua, atos falhos e outros enganos acidentais.

Freud acreditava que somente um especialista poderia entender o inconsciente de alguém. Descrevia que, entre a autoridade e o paciente, deve se estabelecer a relação de confiança e que, durante as sessões, o paciente deveria fazer associações livres, conversar sobre tudo o que lhe vem à cabeça, nada sendo omitido. O especialista analisa por um longo período o que é dito procurando pistas dos conteúdos do inconsciente. Bock, Furtado e Teixeira (1997, p. 75) explicam como se organiza o método criado por Freud:

[...] a função primordial da clínica psicanalítica, a análise é buscar e tentar descobrir a origem do sintoma, ou do comportamento manifesto, ou do que é verbalizado, isto é, de integrar os conteúdos inconscientes na consciência com o objetivo de cura ou de autoconhecimento. Para isso, é necessário vencer resistências do indivíduo, que impedem o acesso ao inconsciente. O método para atingir esses objetivos é o da interpretação dos sonhos, dos atos falhos (os esquecimentos, as substituições de palavras, etc.) e as associações livres. Em cada um desses caminhos de acesso ao inconsciente é a história pessoal que conta. Cada palavra, cada símbolo tem um significado particular para cada indivíduo.

Deisi não é portadora de uma linguagem que lhe permita expressar seus conflitos pessoais, afetivos e sociais através da palavra. Nesse sentido, foram utilizados de atividades que envolveram a arteterapia como autoexpressão de si mesma. Através dos recursos artísticos como: tintas, telas, papéis coloridos, canetas coloridas, lápis de cor, cola colorida, giz, massa acrílica e outros lhe foi permitida a projeção de seu mundo interior, povoado de mil fantasias, e permitiu analisar, compreender e organizar seus processos internos numa tentativa de dar vazão ao emocional de Deisi, possibilitando

um pouco mais de significado e entendimento de si mesma através da expressão artística.

A subjetividade o indivíduo a constrói aos poucos apropriando-se do material do mundo social e cultural e faz isso criando e transformando o mundo (externo), o homem constrói e transforma a si próprio. Um mundo objetivo, em movimento, porque os seres humanos se movimentam permanentemente com suas intervenções, um mundo subjetivo em movimento porque os indivíduos estão permanentemente se aproximando de novas matérias-primas para construir suas subjetividades. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1997, p. 24).

A arte oportuniza nos expressarmos plasticamente. Com isso usamos nossos sentidos, nossos pensamentos; colocamos emoções e buscamos conhecer o mundo. São, portanto, expressões de ideias, sentimentos e significados. Possibilitam o desenvolvimento da criatividade, e permitem conhecer o mundo psíquico e suas nuances.

Deisi apresenta uma incrível capacidade de se expressar pela arte. Sua criatividade, conforme La Torre (2005), destaca a capacidade criativa, assim como sentimentos de amor e amizade devem ser cultivados senão acabam desaparecendo. Sendo que a criatividade não se restringe somente aos doutos, artistas e inventores, mas a todos os âmbitos da atividade humana. Todos nós possuímos potencial criativo, porém muitas vezes bloqueado ou não desenvolvido e outras vezes não incentivado. Se forem proporcionadas oportunidades às pessoas, elas poderão se redescobrir, entrar em contato com seu potencial criativo e possibilitar o autoconhecimento. A atividade criativa é considerada intrinsecamente humana, pois o homem cria, atua e modifica o seu meio. La Torre define a palavra criatividade como uma palavra repleta de imaginação, de possibilidades e de geração de novas ideias ou realizações.

Deisi desenhista, artista, consertadora de objeto, contadora de histórias, protetora da cidade invadida por pessoas do mal, construtora de engenhocas, guardiã da ordem, pescadora, sonhadora e formanda em pintura em tela retrata, nas diversas facetas de seus muitos desenhos e pinturas, o espelho de si mesma. Deisi é uma pessoa presa em um corpo e uma mente “deficientes”, cuja imaginação não está presa, está livre, leve e solta, tem asas e pode voar, onde não há limites do que se pode ser, do que deseja ser, então, se pode ser, se é, nem que, por fugazes momentos, Deisi se permite ser e estar em outro lugar, num ideal de normalidade, de estar bem em um mundo do qual nunca poderá desfrutar integralmente.

Segundo Bock, Furtado e Teixeira (1997), usando-se das palavras do escritor brasileiro Guimarães Rosa, “o mais importante e bonito do mundo é isto: que as pessoas

não estão sempre iguais, mas que elas vão sempre mudando. Afinam e desafinam”. As pessoas não estão ou são sempre iguais, são lapidadas, inconclusas, aliás, nunca estaremos totalmente finalizados, prontos e terminados porque nossa subjetividade, esse mundo interno construído como síntese de nossas determinações, não cessará de se modificar, pois as experiências sempre trarão novos elementos para renová-lo.

Considerações Finais

A experiência relata as vivências no trabalho terapêutico com Deisi, fornece um caminho significativo a um ser humano com múltiplas deficiências. Construí possibilidades para além de suas limitações e gradativamente avançou-se com ela na percepção de que é possível criar e recriar sua história e trajetória de vida. Pintando, desenhando, manuseando pincéis e tintas coloridas em seus quadros, criando histórias, mudando formas, criou e realizei sua formatura, sua passagem para outra fase de vida, para outro momento de crescer, de ser outro alguém, talvez o de ser adulta.

Esse caminho foi possível com as ferramentas da arte, do colorido, das formas, dos cheiros e gostos e permitiu ir ao encontro de Deisi através das imagens criadas por ela, que transmitiam, falavam de um mundo aprisionado, amarrado pela diferença de ser múltipla não só em deficiências, mas em potencialidades, criatividade.

A mim foi permitido, como profissional da saúde mental como se refere Francisquetti (2005), o trabalho terapêutico que se apresenta num mundo onde enxergar não quer dizer ver, onde comunicar não se traduz pela compreensão da linguagem, onde tocar não quer dizer sentir, ouvir não quer dizer escutar, ou ainda caminhar não é andar com os próprios pés.

Estive com Deisi numa caminhada que culminou com sua formatura em pintura. Meus pés caminharam ao seu lado, sei da ajuda que dei à Deisi, e do quanto isso me ajudou a compreender mais e mais da dimensão humana, das deficiências e das infinitas possibilidades no percurso dos encontros terapêuticos que nos movem a sermos também diferentes, a quebrar nossos engessamentos acadêmicos e ter um olhar ampliado do psíquico e do sofrimento emocional.

Acredito que Deisi não seja a única portadora de capacidade de superação de suas limitações, no entanto, é necessário que haja aqueles que acreditam e lutam loucamente para tornar os dias dos autistas mais felizes, seja pintando, escrevendo, criando engenhocas, andando, cantando, mas acima de tudo, que encontrem a via pela qual faz brotar de dentro algo que é único e intransferível, escondido em sua

subjetividade e existência humana, marcada pela diferença de ser e existir.

O outro, que por vezes julgamos desqualificado e sem sentido por força de seus trejeitos e esquisitices, tem qualidades e sentido para sua existência desconhecida por nós que não a povoamos, mas que é permitido aos profissionais da área psicológica conhecer e transformar limitações em arte, sabendo que a mais singela das artes é viver e essa nos permite nos reinventar a cada novo amanhecer até o último e derradeiro deles.

Referências

- AUTISMO infantil. Disponível em: <<http://www.autismoinfantil.com.br>>. Acesso em: 12 mar. 2012.
- ANDERSON, A. **Simplemente outro indivíduo**. Salud Mundial, enero, 1981.
- ASSUNÇÃO JR. F. B. Retardo mental. In: SUKIENNIK, P. B. (Org.). **O Aluno Problema: Transtornos Emocionais de Crianças e Adolescentes**. Porto Alegre: Mercado Aberto, v. 1, p. 171-199, 1996.
- BOCK, M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. D. L.; **Psicologias: uma introdução ao estudo da Psicologia**. São Paulo: Saraiva, 1997.
- BRASIL. **Saberes e Práticas da inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem: autismo**. Brasília, MEC, SEESP, 2004. (Educação Infantil, 3).
- BRASIL. **Saberes e práticas da inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem: deficiência múltipla**. Brasília, MEC, SEESP, 2004. (Educação Infantil, 4).
- CARVALHO, M. M. J. **A arte cura?** São Paulo: Psy II, 1995.
- CARVALHO, K. M. M. et al. **Visão subnormal: orientações ao professor de ensino regular**. Campinas: Editora Unicamp, 1992.
- COUTINHO, E. **Menstruação, a sangria inútil: uma análise da contribuição da menstruação para as dores e os sofrimentos das mulheres**. São Paulo: Gente, 1996.
- DAVIDOFF, L. L. **Introdução a Psicologia**. São Paulo: Pearson Makron Books, 2001.
- FRANCISQUETTI, A. A. **Arte medicina**. São Paulo: LMP, 2005.
- GARDNER, H. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artmed, 1995.
- GRANDIN TEMPLE: brilho eterno de uma mente autista. Diretor: Mick Jackson. Estados Unidos: 2010. 1 DVD. 103 min.
- RIVIÈRE, C. **Os rituais profanos**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- RODOLPHO, A. L. **Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma visão da bibliografia antropológica**. **Ensaio Teológico**, São Leopoldo, v. 44, n. 2, p. 138-146, 2004.
- SAINT-EXUPERY, A. **O pequeno príncipe**. Rio de Janeiro: Agir, 2006.
- VEITZMAN, S. **Visão subnormal**. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 2000.